

INVISIBILIDADE SOCIAL NO COTIDIANO DE CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS, COM FOCO NOS COOPERADOS EM CAMPO GRANDE - RJ ENTRE 2002 E 2016

Humberto Napoleão Cozendey da Silva¹

Heynner Alves Sanchez¹

Maria Mariana Schneider Paixão¹

Daniel Medeiros²

Promoção da Saúde

RESUMO

Este trabalho apresenta os resultados de pesquisa de campo com trabalhadores de uma cooperativa de Catadores de Materiais Recicláveis (CMR). Objetivou-se identificar a ocorrência da invisibilidade social na ocupação de CMR e verificar como essa se manifesta no cotidiano, a partir da percepção desses catadores. Estudo de abordagem qualitativa, desenvolvido junto a um grupo de trabalhadores cooperados. Consistiu na aplicação de questionário a 10 catadores de uma cooperativa em Campo Grande, RJ, em junho de 2017. A análise e o processamento foram realizados a partir de uma leitura livre baseada em eixos conceituais como “discriminação”, “indiferença” e “reconhecimento”. Quando perguntados sobre como sentem que as pessoas ao redor encaram sua profissão, obteve-se respostas como “algumas pessoas encaram como algo ruim, como morador de rua que cata lixo” (PB), “sofre bastante preconceito” (PD), “sofre preconceito, agem diferente, enquanto estão sujos não são vistos” (PC), “sofre preconceito, desprezo” (PH) e “um pouco de recriminação” (PG). Apenas uma relatou “nunca fui desrespeitada” (PF). Ressalta-se que ao realizar as entrevistas, foi observado que esses trabalhadores têm uma percepção de não serem vistos com “bons olhos” pela comunidade e, às vezes, são confundidos com marginais, quando na verdade estão trabalhando. Esses trabalhadores se sentem invisíveis socialmente ao serem ignorados, discriminados e desrespeitados, por exemplo, por pedestres, durante suas atividades em vias de circulação e espaços de uso comum.

Palavras-chave: Exclusão social; Preconceito; Catadores; Reciclagem.

INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta os resultados de pesquisa de campo com trabalhadores de uma cooperativa de Catadores de Materiais Recicláveis (CMR). A atividade de catar foi reconhecida pela Classificação Brasileira de Ocupação, por Portaria ministerial nº. 397, de 9 de outubro de 2002. Trabalhadores CMR são responsáveis por coletar material reciclável e reaproveitável, selecionar, vender o material coletado, realizar manutenção do ambiente e

¹Aluno da Escola SESC de Ensino Médio. Av. Ayrton Senna, 5677 - Jacarepaguá, Rio de Janeiro – RJ. humbertocozendey@gmail.com, hsanchez2016@escolasesc.g12.br, mpaixao2016@escolasesc.g12.br.

²Prof. da Escola SESC de Ensino Médio. Av. Ayrton Senna, 5677 - Jacarepaguá, Rio de Janeiro – RJ. dmedeiros@escolasesc.net.br.

equipamentos de trabalho, bem como divulgar o trabalho de reciclagem e administrá-lo (CBO, 2002).

A atividade apresenta riscos físicos, químicos, biológicos e ergonômicos, além do psicossocial, abordado neste estudo. O trabalho na catação traz, para aqueles que o exercem, a associação a uma série de estigmas e preconceitos por parte da sociedade (COSTA, 2004). Para o psicólogo Samuel Gachet (2007), ser invisível é sofrer a indiferença, é não ter importância. De acordo com Sobral et al. (2009, p. 1), ainda há “outra perspectiva para se pensar esse processo de invisibilidade que diz respeito à falta de reconhecimento social, aquilo que nos torna visíveis perante a sociedade”. Este estudo parte do princípio de que a invisibilidade social, abordada como a incapacidade de ser visto socialmente, aflige trabalhadores CMR, levando-os ao possível processo de baixa autoestima e autocuidado.

Estudos sobre os trabalhadores de resíduos recicláveis, sob a perspectiva dos componentes saúde/bem-estar, meio ambiente e trabalho, ainda são pouco realizados no Brasil e na América Latina (POSSUELO et al., 2016). Neste sentido, justifica-se este estudo pela contribuição para visibilização e reflexão crítica sobre a temática invisibilidade social, no sentido do reconhecimento e da valorização social desses trabalhadores.

Objetivou-se identificar a ocorrência da invisibilidade social na ocupação de CMR de uma cooperativa do RJ e verificar como essa se manifesta no cotidiano, a partir da percepção desses catadores.

METODOLOGIA

Estudo de abordagem qualitativa, desenvolvido junto a um grupo de trabalhadores cooperados. Consistiu na aplicação de questionário a 10 catadores de uma cooperativa em Campo Grande, RJ, em junho de 2017.

Questões éticas foram atendidas e um termo de consentimento livre e esclarecido foi obtido de todos os 10 participantes da pesquisa. Os dados foram organizados em uma planilha *Microsoft® Excel*, a análise e o processamento foram realizados a partir de uma leitura livre baseada em eixos conceituais como “discriminação”, “indiferença” e “reconhecimento”. Quando necessário, temas relevantes foram aprofundados, por intermédio de publicações científicas, para a compreensão do fenômeno e da ocupação. O desenvolvimento teórico da pesquisa se deu por meio do levantamento bibliográfico e leitura crítica de livro e artigos científicos relacionados ao tema.

Para manter o sigilo e ética na pesquisa, os participantes foram identificados por letras do alfabeto, sendo esses PA, PB, PC, PD, PE, PF, PG, PH, PI e PJ.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A Tabela 1 apresenta as características dos participantes da pesquisa quanto às variáveis gênero, faixa etária, grau de escolaridade e renda.

Tabela 1 – Caracterização dos participantes da pesquisa

Características	Gênero		Total (n = 10)
	Feminino (n = 08)	Masculino (n = 02)	
Faixa etária			
20-30	02		20%
31-40	03	02	50%
41-50	02		20%
> 50	01		10%
Grau de escolaridade			
Nenhum	01	01	20%
Fundamental incompleto	05	01	60%
Médio completo	02		20%
Renda			
< Salário mínimo	02		20%
> Salário mínimo	06	02	80%

Ao serem questionados sobre como encaram sua profissão, 80% dos participantes do estudo declararam gostar do que fazem, relacionando a ocupação com “ajudar o meio ambiente” e à possibilidade de trabalho e renda sem a exigência da escolaridade. Quando perguntados sobre como sentem que as pessoas ao redor encaram sua profissão, obteve-se respostas como “algumas pessoas encaram como algo ruim, como morador de rua que cata lixo” (PB), “sofre bastante preconceito” (PD), “sofre preconceito, agem diferente, enquanto estão sujos não são vistos” (PC), “sofre preconceito, desprezo” (PH) e “um pouco de recriminação” (PG). Apenas uma relatou “nunca fui desrespeitada” (PF). Ressalta-se que ao realizar as entrevistas, foi observável que esses trabalhadores têm uma percepção de não serem vistos com “bons olhos” pela comunidade e, às vezes, são confundidos com marginais, quando na verdade estão trabalhando.

Segundo Samuel Gachet, o fenômeno invisibilidade pode levar a processos depressivos, de abandono e de aceitação da condição de ninguém. “Aparecer” é importante para a espécie humana, ser valorizado de alguma forma é parte integrante da passagem pela vida (GACHET, 2007). De acordo com Gachet, o preconceito que gera invisibilidade se estende a tudo que está fora dos padrões (massa invisível) de vida das classes

hierarquicamente superiores. Mas, para esse psicólogo, o fenômeno também pode levar à mobilização e organização da minoria discriminada. O autor considera que um dos principais causadores da invisibilidade é a questão econômica.

Sobral et al. (2009) apontam a relação entre a invisibilidade e a baixa renda: “a inserção plena na vida social está fortemente relacionada com a condição financeira, tornando como entes visíveis socialmente apenas os inseridos no restrito mercado de trabalho, uma vez que poderão lançar-se no mercado enquanto consumidores” (p. 2). Logo, com a renda aproximada de um salário mínimo, a participação social do catador por meio do consumo, mesmo que cooperado, nem sempre é garantida. Destaca-se que a maioria (80%) dos catadores da cooperativa não chegou a concluir o ensino fundamental ou médio. O fator escolaridade perpetua o fator salarial, visto que por não terem melhor escolaridade, não alcançam funções que os atribuam maior renda. Uma catadora relatou que sua irmã foi contratada ao sair da cadeia e que até então não tinha onde trabalhar, logo, percebe-se que a ocupação acolhe, sem distinção, aqueles que solicitam o ingresso na cooperativa, o que não é necessariamente comum ao mercado de trabalho.

Ao serem questionados sobre a interação social, 50% dos catadores declararam que durante a ocupação conseguem interagir com outras pessoas que não seus companheiros de trabalho. Sendo que desses, uma tem a oportunidade de ir a eventos explicar como funciona o processo de reciclagem. Os entrevistados restantes revelaram que costumam interagir apenas com os companheiros de trabalho. Uma catadora citou que alguns se esquivam dela. Observou-se que o mais comum é o contato com os próprios companheiros de trabalho e com compradores de materiais recicláveis.

Ao se retornar com uma questão envolvendo percepção de tratamento enquanto a realização do trabalho em ambientes abertos, 60% se referiram à percepção de discriminação, de olhares preconceituosos sofridos por pedestres, por exemplo, em espaços públicos, praças de alimentação e o fato das pessoas “esconderem objetos, mas nós somos seres humanos” (PG). Os trabalhadores percebem que a sociedade, de modo geral, ainda assume posturas preconceituosas e de não-reconhecimento do seu trabalho.

A invisibilidade social é um fenômeno que perpassa o trabalho e vida do CMR, tendo que lidar com o sentimento de menos valia (GACHET, 2007), caracterizando o enfraquecimento dessa população, já marcada pela baixa escolaridade e renda. A satisfação com a ocupação foi relacionada à não exigência de escolaridade, possibilidade de obtenção de

renda e de oferecer suporte ao meio ambiente. A indiferença e experiência de ser ignorado foram associados ao sentimento de preconceito, redução da autoestima e autocuidado.

CONCLUSÕES

A pesquisa mostra a ocorrência do fenômeno invisibilidade social na ocupação de CMR da cooperativa estudada. Manifesto de preconceito e indiferença, embora não sejam fatores comuns ao cotidiano de todos os catadores, foi percebido por esses trabalhadores como prejudicial às relações, uma vez que restringe a interação social àquele do próprio grupo ocupacional. Em outras palavras, esses trabalhadores se sentem invisíveis socialmente ao serem ignorados, discriminados e desrespeitados, por exemplo, por pedestres, durante suas atividades em vias de circulação e espaços de uso comum.

A sensibilização da sociedade, no sentido do reconhecimento social e valorização da categoria, fundamental na cadeia de reciclagem do país, contribui para a promoção do bem-estar mental e social, autoestima e do autocuidado de trabalhadores catadores de material reciclável.

REFERÊNCIAS

CBO. Classificação Brasileira de Ocupação, versão 2002. Disponível em:
<<http://www.mtecbob.gov.br/cbosite/pages/home.jsf>>. Acesso em: 26 jun 2017.

COSTA, F. D. **Homens invisíveis: relatos de uma humilhação social**. São Paulo: Editora Globo, 2004. 254 p.

GACHET, SAMUEL. Entrevista: Samuel Gachet. **Discutir Educação**. Disponível em:
<<http://discutireducacao.blogspot.com/2007/06/entrevista-samuel-gachet.html>>. Acesso em:
26 jun 2017.

POSSUELO, L. G. et al. PET-Saúde Vigilância: ações de promoção em saúde com trabalhadores de resíduos recicláveis. **Rev. Bras. Pesq. Saúde**, Vitória, v. 18, n. 3, p. 32-39, 2016.

SOBRAL, N. G; SANTIAGO, I. M. F. L; COTA, J. C. **Gênero e invisibilidade social entre catadores de materiais recicláveis de Campina Grande/PB**. Disponível em:
<<http://www.itaporanga.net/genero/gt5/1.pdf>> Acesso em: 26 jun 2017.